

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: LUZIA GONTIJO RODRIGUES

TÍTULO: Pintura de paisagem no século XIX. Impressionismo&Modernidade: Tecnologia, Trabalho, Processos de Urbanização

AUTORES: LUZIA GONTIJO RODRIGUES

PALAVRA CHAVE: arte, transformações do processo de modernidade, trabalho e tecnologia

RESUMO

A apresentação abordará um dos temas da pesquisa PAISAGEM: NATUREZA E CULTURA NAS DISPUTAS ARTÍSTICAS DO SÉCULO XIX EUROPEU. A pesquisa tem um escopo bem mais amplo do que aquele que será objeto da apresentação, já que pretende fazer um mapeamento e análise crítica da produção artística e teórica (estética e crítica) desde o surgimento do que intitulo o "pathos da paisagem", no período de surgimento das primeiras manifestações do movimento romântico na Inglaterra e sua subsequente disseminação pela Europa e Américas. A paisagem é abordada como constructo cultural, através do qual forças sociais, simbólicas e políticas se expressam e ganham visibilidade, seja na pintura, no design de paisagem (jardins), na literatura ou na poesia.

A teoria e história da arte consolidaram uma interpretação, segundo a qual a pintura de paisagem teria sido "locus" da conquista da autonomia da arte, logo, do distanciamento desta dos fenômenos sociais, políticos, cotidianos, narrativos. A pesquisa traça outros caminhos de interpretação, através de autores e pesquisas atuais que problematizam esta interpretação feita canônica pelas teorias do modernismo.

Na apresentação em questão, estarão em foco as abordagens feitas das transformações sociais e urbanas no século XIX pela pintura de paisagem, ou seja, a interpretação imagética da paisagem que se via sob o impacto do rápido desenvolvimento tecnológico e urbano, fruto do avanço dos modos de produção capitalista na França do Segundo Império. Adota-se como recorte o caso do chamado "movimento impressionista" das décadas de 1870 e 1880, um movimento usualmente reconhecido por imagens de lazer, campos em flor e paisagens idílicas. Pretende-se mostrar a forte relação de alguns dos principais artistas ligados a esse movimento com os temas mais polêmicos da chamada "modernité", termo este empregado para as transformações profundas que atingiram a economia, a sociedade e as cidades francesas, especialmente Paris, neste caso, a partir da grande Reforma conduzida pelo Barão Haussmann entre 1850 e 1870. No centro da atenção dos artistas, as novas tecnologias, as formas de trabalho, as transformações e degradação do meio-ambiente, as novas relações humanas nas cidades.

Artistas como Claude Monet, Camille Pissarro, Edgar Degas, Alfred Sisley, Vincent van Gogh, entre outros menos conhecidos, produziram uma reflexão pictórica acerca das relações entre homem e meio-ambiente; entre trabalho e degradação humana; entre as transformações tecnológicas e os modos de sociabilidade urbana. Esse importante registro imagético-crítico revela uma nova relação entre a arte e os processos mundanos, entre arte e cotidiano, enfim entre arte e vida. Ou seja, esse conjunto de reflexões pictóricas apresenta o aparecimento de um novo artista, aquele já prenunciado décadas antes pelo discurso e produção artística de Gustave Courbet, dos quais o empreendimento impressionista não deixa de ser herdeiro.

A apresentação parte de um conjunto de imagens selecionadas entre aquelas produzidas desde o momento que envolveu a criação da Primeira Exposição do grupo impressionista, em 1874, até o final da década de oitenta, buscando fazer uma análise que as insira no seu contexto de produção, ao mesmo tempo, procurando apontar para estudos contemporâneos da história da arte que questionam a visão tradicional do movimento impressionista, uma visão construída ao logo das primeiras décadas do século XX pelos chamados teóricos do modernismo, como, por exemplo, Clive Bell, Roger Fry e Sheldon Cheney. Teorias e interpretações que ganharam força e abrangência com o fenômeno crítico desencadeado por autores como Clement Greenberg e Michael Fried, nos anos sessenta, fenômeno este que, por sua vez, reforçava a direção e interpretação da arte moderna oferecidas pelos criadores e curadores do primeiro museu de arte moderna, o MOMA, inaugurado em Nova York em 1939.